

# O ARAUTO

## DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE AGOSTO DE 1978

**"Adorai o Senhor na beleza da sua santidade."  
—Salmo 29:2**





# UM POVO



Tenham paciência, nazarenos, mas não proclamem exclusivos.

A controvérsia ligada à doutrina de santificação nunca pôs em dúvida a sua necessidade ou possibilidade. Agarra-se mais à questão de quando e onde ela se concretiza. Para uns é uma estrada longínqua pela qual avançamos penosamente durante a vida inteira. Para os nossos irmãos católico-romanos é resultante de uma passagem forçosa pelo Purgatório.

A Igreja do Nazareno prega-a como experiência-crise, obtida nesta vida e num instante, pela fé. Mas que dizer de tantas deficiências patentes no andar diário dos que se dizem *santificados*? Negam a obra? Desacreditam os que a proclamam?

Uma terminologia nem sempre responsável tem definido mal a mais bela de todas as experiências; não é a que alcançaremos no céu, mas a única que nos levará até lá: "Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8). Não é o carimbo que nos rotula de perfeitos, mas o selo que atesta a limpeza da raiz do mal radicado na alma. A graça de Deus tem agora um campo limpo para a sua actuação constante: molda a vida consagrada na tarefa incessante de fazê-la cada vez mais conforme ao padrão de Deus.

Os colaboradores deste número, entre os quais registamos quatro professores do Seminário Teológico Nazareno, dão-nos o seu parecer acerca de várias facetas da experiência. Trazendo-a para o mundo prático, onde você e eu vivemos, oferecem-nos achegas de valor. Precisamos de todas, quando a ordem recebida parece afrontosa à fragilidade moral humana: "Sede santos" (I Pedro 1:16). □

—Jorge de Barros



# a beleza da



—Charles H. Strickland  
Superintendente Geral



# santidade

O termo "santidade" tem vários significados no Antigo e Novo Testamento. No entanto, atinge a sua expressão mais bela ao referir-se à comunhão do homem com Deus. Embora possa ser mal compreendido por alguns, é, na nossa tradição wesleyana, um termo de grande beleza quanto à interpretação.

A santidade é bela na sua pureza. Nós adoramos "o Senhor na beleza da santidade" (Salmo 29:2). O Salmista ainda acrescenta: "Quem há-de permanecer no seu santo lugar?" (Salmo 24:3). E responde à pergunta no versículo 4: "O que é limpo de mãos e puro de coração".

O texto familiar de Hebreus 12:14 diz: "Sequi a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor".

A santidade tem duas formas de se referir à comunhão do homem com Deus. É usada, em geral, como sinónimo de santificação, aplicando-se à purificação do coração como segunda obra da graça. Neste acto gracioso de Deus, a natureza do pecado é destruída dentro do cristão e o Espírito Santo enche a vida com a Sua maravilhosa presença de limpeza e purificação. Quanto mais bela é essa pureza, mais se torna um novo poder transformador na vida íntima do homem.

Isto conduz-nos à segunda forma de referência—a vida do cristão santificado. Da purificação interior e sua motivação subsequente, a santidade passa a referir-se à vida diária, em

que o indivíduo procura andar com Deus dentro duma posição ética que corresponda aos motivos puros do seu coração.

Seguindo a advertência de Paulo "se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (Gálatas 5:25), o homem experimentará o fruto maravilhoso do Espírito mencionado pelo Apóstolo.

A santidade é igualmente bela na sua harmonia. A harmonia possui uma beleza e poder únicos. Quem não se tem extasiado ao ouvir uma grande orquestra executar uma sinfonia de sons harmoniosos que elevam a alma a novos cumes de inspiração?

A santidade como um estilo de vida comunica harmonia à alma. Cessam os conflitos íntimos, os impulsos interiores harmonizam-se com a ética exterior, a paz dá tranquilidade à vida e o propósito orienta o andar diário do cristão.

Muito se tem escrito nos nossos dias sobre as múltiplas doenças originadas pela ansiedade e conflitos interiores. Abundam sugestões sobre como alcançar o auto-domínio. Todos concordam, porém, que a felicidade não pode reinar na vida do indivíduo, enquanto não forem dominados as divisões e conflitos íntimos.

A resposta adequada para tais conflitos está na harmonia que resulta da presença do Espírito Santo. A vida vitoriosa resultante exprime a verdadeira beleza da santidade. □



# DIREITO TOTAL E EXCLUSIVO DE CRISTO



—Oscar F. Reed  
Professor  
do Seminário  
Teológico  
Nazareno  
em Kansas City

“Quem não é contra nós é por nós” (Marcos 9:40); “Quem não é comigo é contra mim” (Mateus 12:30). As duas expressões foram proferidas por Jesus. Juntas constituem um paradoxo cuja verdade reside no direito *total* e *exclusivo* de Cristo.

A primeira referência escriturística menciona um homem que, sem autorização, expulsava demónios em nome de Jesus. O Senhor proibiu os discípulos de o impedirem, “pois ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim” (Marcos 9:39).

Onde quer que o nome de Jesus for usado com reverência é “protecção e reivindicação”. É assim no caso de todos aqueles que “no empenho pela justiça, verdade, humanidade e liberdade” aprenderam a clamar pelo nome de Jesus, mesmo com “hesitação e temor”. Tal nome é uma protecção até para aqueles que podem não compreender todo o significado da sua invocação e os valores que representa. É uma

reivindicação para essas pessoas e esses valores.

Jesus está a dizer: Não olheis para rótulos—mas para acções, atitudes e espírito! Devemos, em obediência total, acompanhar as nossas intenções com palavras e atitudes compatíveis com os ensinamentos de Jesus. Assim, quando vemos o bem, alegramo-nos que esteja sob o controle de Jesus Cristo. Não disse Ele ao centurião romano, um gentio: “Nem mesmo em Israel encontrei tanta fé” (Mateus 8:10)?

Esta atitude de “feliz reconhecimento” não debilita a nossa fé; por isso, saudamos os que no nome de Jesus são nossos aliados na fé e no espírito. Por vezes o que temos desdenhado como “secular” é apresentado em nome de Jesus.

As palavras do Mestre são uma censura a todos os nossos exclusivismos e pretensões arrogantes de que a acção de Deus no mundo é limitada às formas a que estamos familiarizados. O mundo

seria um lugar bastante melhor para viver, se gastássemos uma décima parte do tempo a construir estradas para Deus, em vez de barreiras. O direito de Jesus Cristo sobre o mundo é *total*. É este o verdadeiro âmago da *santidade*!

Todavia este direito *total* de Cristo não é contradito pelo Seu direito *exclusivo*: “Quem não é comigo é contra mim”. Bonhoeffer disse e bem que “o maior de todos os perigos que ameaçam a igreja de ruptura e desintegração interna, situa-se no indiferentismo de grande parte dos crentes”.

Todas as pessoas devem ser íntegras na sua lealdade final. Não podem manter em equilíbrio instável lealdades que se contradizem. Jean Ingelow conta a história de dois amigos que seguiam um regato. Por algum tempo caminharam de mãos dadas, um de cada lado; mas em breve tornou-se tão largo que, se queriam continuar juntos, teriam de seguir

(Continua na pág. 10)

## O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral  
JORGE DE BARROS, Director  
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora  
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor  
ROLAND MILLER, Artista  
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 1 de Agosto de 1978 Número 16

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.





**“perdoou,  
mas não  
esqueço”**

—H. T. Reza

Não sei quantas vezes no decorrer da vida se ouvi esta expressão. Dizem-na as mulheres da vizinhança e os companheiros de trabalho; usam-na as comadres das “casas suspeitas” e as professoras da escola; repetem-na os políticos, banqueiros, operários e mendigos.

O que se pretende dizer com tais palavras é que uma má acção causa um impacto indelével no coração da pessoa que a recebe. Implica que, embora o coração esteja disposto a perdoar, a cabeça, a mente, a memória, não podem desfazer o que aconteceu—o registo no cérebro dum acção desagradável.

Também significa que há certas áreas nas relações éticas que, por mais que queiramos, não está ao nosso alcance esquecer-las completamente. Talvez a minha esposa tenha razão ao dizer o que muitas vezes lhe ouvi: “Perdoar é humano, mas esquecer é divino”. Não sei onde consegui tal expressão. Penso que se trata apenas dum jogo de palavras que a surpreendeu pela primeira vez e que, depois, ficou como parte permanente da sua cultura feminina. É possível que pretenda mencionar que o verdadeiro perdão encerra uma fase divina e outra humana. Se assim é, estamos entendidos.

O verdadeiro perdão que diz: “Vai-te e não peques mais”, só se recebe de Jesus Cristo, que é a revelação de Quem disse: “Não me lembrarei mais das suas rebeldias”. Deus pode esquecer, embora o homem lho esteja a lembrar continuamente.

O boletim intitulado *O Conselheiro Americano* publicado na Escola de Línguas em S. José da Costa Rica, inseriu há pouco duas linhas que dizem: “Não assinales o lugar onde sepultaste o teu perdão”. O que significa: “Se tens de perdoar, procura esquecer”.

Mas pode-se, realmente, esquecer uma acção má? Claro que não. O homem está formado de tal modo que pode recordar-se por intermédio de associação de ideias ou como resultado dum estímulo psicológico.

Quer dizer que, embora se lembre da acção, não terá rancor, nem vingança, nem desejo de a lançar em rosto à pessoa que a cometeu. Este é o espinho que não fere por carecer de ponta, o escorpião que não morde por falta de peçonha, a abelha que não ferra por ter ficado sem ferrão.

O que tira o que fere e magoa é o amor, a misericórdia e a compreensão da alma humana, possíveis através do amor de Deus que opera em nós. □



## a santidade no tempo presente

A doutrina de santidade sobressai nas Escrituras como um farol de esperança para os crentes que não estão satisfeitos com a sua vida espiritual. Ninguém que estude a Bíblia com sinceridade pode duvidar da autoridade divina do mandamento: "Sede santos, porque eu sou santo". No entanto, o homem pergunta: Quando? Será possível viver santamente nesta vida, ou somente na futura?

Paulo disse: "Permaneceremos no pecado? . . . De modo nenhum" (Romanos 6:1-2). A santidade obtém-se depois da morte, mas esta tem lugar quando ainda estamos vivos: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20).

Esta morte não é suicídio, mas identificação plena com a morte de Cristo, morte para o pecado e ressurreição com o Senhor. Do mesmo modo que morremos com Ele, também ressuscitaremos com Ele pois é uma vida de sacrifício vivo e contínuo (Romanos 12:1).

Jesus morreu e agora vive. Morreu para o pecado e vive para Deus (Romanos 6:10); e, uma vez que vivemos n'Ele e Ele em nós, logicamente também nós morremos para o pecado e vivemos para Deus. Alguns ensinam que isso é impossível nesta vida, e outros dizem que, apesar dos seus esforços, fracassaram.

Todavia, a Bíblia diz: "Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal . . . Nem tão pouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade . . . Porque o pecado não terá domínio sobre vós . . . Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração" (Romanos 6:12-14, 17).

A necessidade básica do homem não está em ter uma mente perfeita, mas um coração puro. A exortação paulina de possuir o mesmo sentir de Cristo refere-se não à mente, mas ao seu comportamento, ao coração do homem. Deus transforma e usa aque-

les que O seguem e Lhe obedecem e não apenas os que têm uma boa mente.

O homem pode fazer o que deseja, mas não pode mudar a fonte dos seus desejos. Só pelo plano divino de santidade para o homem, dum operação de morte e ressurreição, é que Deus transforma a vontade humana. Deste modo já não se deseja pecar, mas obedecer e servir a Deus. Contudo, a boa vontade não basta. Muitos crentes têm tido boa intenção de servir a Deus e fracassaram; o que prejudica a doutrina de santidade, pois temos a tendência de dar maior atenção aos fracassos do que à Palavra de Deus.

E. Stanley Jones conta o seguinte: "Numa ocasião em que eu tentava atravessar uma rua, certa senhora agarrou-me pelo braço e disse-me:—O semáforo ainda está vermelho. Eu respondi-lhe que toda a gente já estava a atravessar, e ela acrescentou:—Não repare na gente, mas nos sinais de trânsito. Nunca mais esqueci este bom conselho. E, você, na sua vida está a guiar-se pelos sinais divinos, ou pelo que faz a multidão? Desobedece à lei de Deus para seguir o exemplo da maior parte?"

A Bíblia diz que Deus, em Jesus Cristo, não só transformou a vontade, mas que a fortaleceu. "Portanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne" (Romanos 8:3).

Por meio da nossa morte em Cristo temos alcançado pureza e vivemos unicamente n'Ele e para Ele. Tudo que fazemos e somos tem o seu fundamento em Cristo.

Podemos viver em santidade hoje mesmo, no presente, porquanto Jesus Cristo morreu, ressuscitou e vive para sempre. N'Ele obtemos *perdão* dos pecados, *libertação* da natureza pecaminosa e *poder* para viver em amor e santidade, em Cristo! □

—Dan L. Dewese



## contrição na vida do santificado

—A. R. G. Deasley\*



“Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mateus 6:12). “Perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve” (Lucas 11:4). Será esta oração adequada nos lábios dos inteiramente santificados?

João Wesley respondeu à pergunta como segue: “(1) Todos se podem enganar enquanto vivem. (2) Um erro *mental* pode ocasionar um erro *prático*. (3) Semelhante engano ou falta é uma transgressão da lei perfeita. (4) Portanto, se não for coberto pelo sangue redentor, ficará exposto à condenação eterna. (5) Segue-se que o homem mais perfeito ainda tem necessidade constante dos méritos de Cristo, mesmo pelas suas transgressões actuais; e pode dizer, por si próprio e pelos outros crentes: “Perdoa-nos as nossas dívidas”.

Wesley tem sido censurado pela sua resposta, tanto por seguidores como por detractores, alguns dos quais o têm acusado de auto-contradição. Por um lado, distingue nitidamente entre pecados e enganos, ensinando a possibilidade de libertação completa do pecado exterior é interior. Por outro lado, como na passagem citada, pretende que os enganos ou faltas exigem confissão e perdão. Como pode ele sustentar as duas coisas?

O nosso interesse não está na justificação de Wesley, mas na exposição das Escrituras. Todavia, como mostram as passagens mencionadas, ele abrangeu duas verdades importantes da vida de santidade: (1) que enquanto o cristão santificado está livre de pecado voluntário e culpado, ainda os efeitos da sua herança pecaminosa o envolvem em acções cujas consequências são as mesmas, como se fossem o resultado de pecado deliberado. Wesley escreve: “Devido à nossa inevitável falta de compreensão, não podemos deixar de nos enganar em muitas coisas. E esses enganos causam, com frequência, algo mau na nossa mente, palavras e acções. Por interpretarmos mal o seu carácter, podemos amar uma pessoa menos do que ela realmente merece. E, pelo mesmo engano, somos levados forçosamente a falar ou agir para com essa pessoa de modo contrário à lei do amor”. (2) Embora semelhantes acções e atitudes não tenham qualidade moral de pecado, uma vez que não nascem de um motivo mau, produzem na alma do cristão o mesmo sentimento de pesar que caracteriza o arrependimento. Não trazem condenação, mas levam à contrição; não exigem arrependimento, mas causam pesar. E—segundo Wesley argumentou—como violações da perfeição absoluta que só pertence a Deus, precisam “do sangue redentor; assim, podemos dizer:

*Cada momento, Senhor, eu preciso dos méritos da Tua morte”.*

O testemunho de Paulo, dado em algumas das suas epístolas, é um bom exemplo bíblico do que Wesley tinha em mente. Escrevendo aos tessalonicenses Paulo diz: “Vós e Deus sois testemunhas do modo por que piedosa, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós outros que credes” (I Tessalonicenses 2:10).

Anteriormente na mesma epístola ele afirma que seguir o seu exemplo é seguir o exemplo de Cristo (1:6). Repete o mesmo ponto em Filipenses 3:17; dois versículos antes ele conta-se entre aqueles que são perfeitos (3:15).

Ao mesmo tempo, Paulo nunca foi capaz de recordar a sua vida passada como perseguidor da igreja, sem se sentir sacudido por ondas de humilhação e de remorso. “Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus” (I Coríntios 15:9). “Fiel é a palavra e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. Mas, por esta mesma razão me foi concedida misericórdia, para que em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna” (I Timóteo 1:15-16).

J. Baines Atkinson, pregador de santidade, dizia de um homem inteiramente santificado: “Ele desce à fonte e é totalmente purificado; passa a ser um pecador perdoado e santificado; mas se o pudesses ouvir no seu íntimo orando a Deus, a sua linguagem mostraria que ainda se considera pecador. Ele clama com Jó: “Agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:5-6). Completamente salvo, regozija-se com alegria inexprimível; todavia, sabe que está a entrar no chamado “arrependimento do santificado”. Pode o leitor compreender isto? Pode compreender que quanto mais cresce o homem em santidade, mais se embrenha na “humilhação”?

Há uma espécie de arrependimento, como há uma espécie de recordação, que paraliza. Há também uma espécie de arrependimento que, embora domine a alma, também a encoraja a santas aspirações. Existe uma quebra de espírito que acompanha a desobediência; existe também uma quebra de espírito que resulta da obediência. Neste sentido alguém pode dizer que o espírito de arrependimento é sempre adequado na alma do santificado.

Como Samuel Chadwick declarou: “A santificação reduz ao mínimo a possibilidade de errar, mas isso não garante a infalibilidade; e, enquanto tivermos um adversário tão subtil e uma natureza tão inclinada ao pecado, nunca prescindiremos da necessidade de orar: “Perdoa-nos as nossas dívidas”. A visão do coração puro está sempre descobrindo novas exigências da graça e nova sensibilidade ao pecado. □

\*Professor do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City



# A Humanidade na Santidade



## Humanidade em Nós Próprios

**“Não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus do nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos, e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder” (Efésios 1:16-18).**

Não vemos com muita clareza a linha que divide a carnalidade da fragilidade humana. A nossa incapacidade em fazer esta distinção muitas vezes causa problemas. O Dr. J. B. Chapman escreve em *Terminologia de Santidade*: “Há muita gente sincera que precisa de se compadecer de si mesma, para se libertar de sofrimento desnecessário devido às suas fraquezas e tendências involuntárias, as quais são mais propriamente de natureza física que moral”.

Wesley pergunta como podemos distinguir da mente carnal ou corrupção do coração as tentações

do inimigo e fragilidades da natureza humana. Ele próprio responde que algumas vezes “é impossível fazer tal distinção sem o testemunho directo do Espírito”. Deus pode habitar com poder santificador na vida de mulheres e homens fracos e ignorantes, desde que os seus corações Lhe pertençam totalmente.

Depois de termos sido inteiramente santificados, não duvidemos da graça que Deus nos deu. Nunca devemos usar qualquer disposição de espírito ou acto abaixo do padrão, como oportunidade de indagar a realidade da vinda do Espírito Santo à nossa vida. Em vez disso, aproveitemos essas experiências como ensejo de aceitarmos mais livremente a ajuda de Deus. Paulo recorda “a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos” (Efésios 1:19-20). Se corrigir a minha fraqueza não é mais difícil que a ressurreição de Cristo, Deus pode fazê-lo por meio do Espírito Santo que me concedeu!

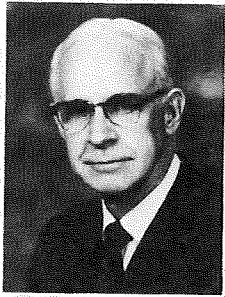
## Uma Derrota não Significa Destruição

**“E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; pois se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as coisas” (I João 3:19-20).**

É possível uma pessoa santificada ceder à tentação e, assim, cair em pecado. Alguém pode, num ataque repentino de Satanás, ser dominado num ponto fraco. Esta espécie de derrota não é pecado de ignorância, pois se a pessoa tivesse reflectido um pouco saberia que a sua conduta era errada. Contudo, semelhantes derrotas são diferentes do pecado voluntário.

Uma falta desta natureza acarreta condenação imediata, mas semelhante condenação não signifi-





—Albert F. Harper  
Professor Emérito  
do Seminário Teológico Nazareno  
em Kansas City.



ca que alguém é apóstata e pecador habitual. Deus não está disposto a abandonar-nos tão facilmente. O sentimento de condenação é um aviso de Deus para nos salvar, não a notificação de que nos abandonou. João diz: "Pois, se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior que o nosso coração, e conhece todas as coisas" (1 João 3:20). Se estamos verdadeiramente arrependidos, Deus sabe-o e trata-nos com misericórdia. Assim, se formos derrotados, confessemos a Deus a nossa derrota e peçamos-Lhe perdão, mas nunca deixemos a fé.

Provavelmente todo o cristão santificado tem sentido necessidade da misericórdia de Deus em semelhantes situações. O Dr. J. A. Huffman escreve: "Durante a minha vida cristã tenho posto isto em prática, ao endireitar algo que estava errado, logo que o descobria. Tem havido muitos erros da minha parte; mas o Espírito Santo tem sido fiel em todo o Seu procedimento para comigo. Na linguagem do falecido Joseph H. Smith, "não tenho dormido fora de Canã desde o dia em que entrei, há muitos anos, nesta experiência."

## Humanidade nos Outros

**"Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão" (Romanos 14:13).**

O homem que procura servir a Deus e viver de acordo com o padrão da santidade, encontra-se sempre em perigo de ser tentado a criticar os ou-



tros. Está ardentemente ciente da vontade de Deus e zeloso por que todos a sigam.

Deus tem padrões para o Seu povo e também está ansioso que os homens os conheçam e vivam segundo eles—mas Ele não nos estabeleceu como juizes. A nossa tarefa é ser exemplos da vida de santidade e testemunhas da graça que Deus nos concedeu.

Verdadeiramente, é uma das nossas limitações humanas—uma das nossas fraquezas—que torna necessário que Deus nos proíba de sermos juizes. Não podemos conhecer os motivos de um irmão crente. Há faltas na vida espiritual que se originam na carnalidade, mas outras surgem da fraqueza humana, mesmo depois da inteira santificação. Para as discernir é preciso um conhecimento mais profundo que o nosso.

Numa bela passagem da *Perfeição Cristã*, em que Wesley tem em mente o livro de Jó, ele escreve: "Podemos afirmar, em todos os casos, até que ponto chega a fraqueza humana? O que pode e o que não pode resultar dela? O que pode, em todas as circunstâncias, e o que não pode condizer com o amor perfeito? Podemos determinar com precisão como ela influenciará o olhar, os gestos e o tom da voz? Se podemos, certamente somos infalíveis e a sabedoria perecerá conosco". □



(Continuação da pág. 4)

ambos do mesmo lado.

Em Jesus há uma exigência ilimitada para uma escolha sem limites (Mateus 12:30). A fé cristã submetida a análise torna-se teologia, mas é mais que pura aceitação da mente. Tem o seu êxtase emocional, mas é mais profunda e elevada que as emoções. Basicamente, a fé cristã é uma escolha. A vida dividida não pode subsistir. Existem nela as sementes da destruição.

A nossa resposta à chamada de Deus envolve uma "decisão definida". Em obediência absoluta, seguiremos a chamada que Ele nos endereça através de Jesus Cristo. Este é o campo da fé e da ética. Não pode ser de qualquer outro modo—porque é o Seu modo. É este o verdadeiro âmago da santidade.

Ambas as declarações de Jesus são viáveis. Ele tem direito sobre todo o mundo, e o que opera em Seu nome é do Seu reino. Jesus também tem direito exclusivo sobre as nossas vidas, o que é uma fonte de liberdade. Os dois direitos andam de mãos dadas. Isolado um do outro, o primeiro leva à secularização, e o último ao fanatismo. Juntos, tanto o *total* como o *exclusivo*, conduzem à vida "mais abundante". Apenas na cruz de Cristo as duas declarações adquirem significado.

*Senhor, toca a minha cegueira e deixa-me ver que o domínio de Cristo abrange o mundo inteiro;*

*E, quando outros falam em Seu nome, reconhecê-lo-ei com alegria.*

*Senhor, toca o meu exclusivismo até que as convicções pelas quais estou disposto a morrer sejam temperadas pela tolerância do Teu amor.*

*Senhor, possam as minhas decisões pessoais ser completamente guiadas pela obediência absoluta a Jesus Cristo.*

*E que eu abra o meu coração para receber a purificação que só Ele pode dar.* □

# QUE MARCHEM

—Manuel Brito Semedo\*

Cortez chegou a Santa Cruz, Brasil, com o seu bando de conquistadores armados. Sabia que estavam em grande inferioridade numérica e que nada valeriam enquanto o navio esperasse na baía para os refugiar e levar de volta a casa. Cortez lançou fogo aos navios. A única hipótese era ir para a frente e sobreviver vencendo.

David Livingstone, o grande missionário da África, mostrou a sua determinação quando disse: "Irei a qualquer parte, contanto que seja para a frente!"

A nossa ligação com o barco da vida antiga está cortada. Houve um corte quando aceitámos andar com Cristo. A nossa única hipótese agora é ir para a frente e sobreviver vencendo. E nessa caminhada não há tempo para descanso. "Dize aos filhos de Israel que marchem" (Êxo. 14:15).

## NÃO PODE HAVER DESCANSO POR CAUSA DA MISÉRIA E SOFRIMENTO

Os israelitas viviam em escravatura. Eram forçados a trabalhar mediante o chicotê. E as próprias condições de trabalho eram severas. O faraó Neco chegou a perder milhares de homens na construção de um canal do Mar Vermelho até ao Rio Nilo. A escravatura é simbólica do homem dominado pelo diabo, escravizado por vícios e sob as ordens de um senhor déspota.

Uma opressão política procurava subjugar o povo do Senhor, em vez de o proteger e ganhar a sua amizade. O inimigo intentou eliminar aqueles que eram objecto da afeição e propósitos de Deus. Mas foi como se quisesse deter a maré dos oceanos.

Embora os egípcios odiassem os israelitas, não estavam dispostos a dispensá-los. O diabo espreme o homem como se espreme uma laranja, mas nem mesmo ao bagaço lança fora quando este pode ser útil aos seus propósitos.

Apesar de tudo permaneceu a fé que os habilitava a lançar uma vista de olhos para os campos verdejantes de Canaã. O futuro era um investimento bastante real, e puseram nele toda a fé que tinham. Este é o símbolo do homem crente. O próprio sofrimento era atenuado pela esperança de uma libertação algures. Somos peregrinos a caminho da Canaã espiritual. *Que marchem!*

## NÃO PODE HAVER DESCANSO POR CAUSA DAS REALIDADES, POR VEZES ESMAGADORAS

Os filhos de Deus depararam com uma realidade esmagadora: tinham o mar imenso à frente; atrás, o terror do exército egípcio que os perseguia; e, nos lados, as altas montanhas. Deus permite isso, muitas vezes, para Se manifestar na salvação do Seu povo e destruição dos Seus inimigos. Nas horas de maior aperto, Deus Se manifesta. Muitas vezes o Senhor coloca-Se entre nós e as circunstâncias. Mas ordena-nos: *Que marchem!*


## NÃO PODE HAVER DESCANSO AQUI POR CAUSA DAS PERSPECTIVAS DUM DESCANSO PERFEITO NO SENHOR

Há perspectivas de descanso das lutas quotidianas e dos fardos da doença e da dor. Há também perspectivas de uma recompensa, um prémio para os vencedores que chegam à meta: *comunhão com Deus e vida eterna com Ele.*

*"Dize aos filhos de Israel que marchem!"*

Tenhamos a certeza de que lançamos fogo ao barco da nossa vida antiga, e marchemos! □





# poder, bem como pureza

—J. Kenneth Grider\*

No movimento de santidade, temos dado ênfase à pureza do coração como resultado do batismo com o Espírito Santo. Tal ênfase tem sido apropriada. Pentecostes significa o que o Apóstolo Pedro disse resumindo o que acontecera em casa de Cornélio: "E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé" (Actos 15:8-9).

A purificação do pecado original também é referida em Mateus 3:11-12: "E eu, em verdade vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Em sua mão tem a pá e limpará a sua eira e recolherá no celeiro o seu trigo e queimará a palha com fogo que nunca se apagará".

É por causa do queimar da "palha" pelo batismo com o Espírito Santo que esta experiência é associada com o que os seguidores de Wesley chamam inteira santificação.

Também sabemos que poder, assim como pureza, está associado ao batismo com o Espírito Santo, o que vem expresso em Actos 1:8: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra".

Contudo, não temos dado ênfase ao poder. Os calvinistas, que não crêem na purificação do pecado original como parte do Pentecostes, realçam o poder dado pelo Espírito ao crente. Alguns, como Charles E. Fuller, dizem que tal batismo tem lugar no momento da conversão. Outros calvinistas crêem que o batismo com o Espírito Santo é subsequente à conversão. Não obstante, de um modo geral negam a purificação do pecado original, enquanto dão ênfase ao poder—especialmente para testificar de Cristo.

Tem acontecido de modo diferente no movimento de santidade: ensinamos que o poder faz parte do Pentecostes, mas não realçamos esta verdade. E devíamos fazê-lo.

Temos de confessar que este poder se destina a testemunhar de Cristo. Quantas vezes ouvi pregadores de santidade dizerem que o poder é para viver uma vida santa! Não há dúvida que há nisto certa verdade. Mas pode implicar que entre a conversão e o nosso Pentecostes pessoal não temos de viver uma vida santa e separada para Deus. Este ensino também enfranquece o nosso testemunho; dá ao povo de santidade desculpa para não testificar abertamente. Contudo, Actos 1:8 diz claramente que o poder é para ser testemunhas.

Numa das igrejas onde fui pastor, uma senhora recém-convertida deixou de frequentar os cultos. "Eu iria", disse-me ela quando a visitei, "se tivesse a certeza de não me pedir para orar em voz alta."

Garanti-lhe que não o faria, e ela recomeçou a ir à igreja. Então veio a assembleia distrital e tivemos cultos especiais. A senhora foi conosco às reuniões.

Numa noite, pregou-se acerca da santidade como uma segunda bênção. A nossa amiga dirigiu-se para a frente e foi batizada com o Espírito Santo. Então, a senhora que se encolhia com medo de pensar que lhe poderiam pedir para orar na presença de uma meia dúzia de crentes, levantou-se e testificou a centenas de pessoas.

Embora tenhamos de reconhecer que alguns indivíduos têm um temperamento mais moderado e introvertido que outros, juntamente com a pureza é concedido poder quando recebemos o nosso Pentecostes.

Jesus Cristo espera que O proclamemos a outros. E ser-nos-á dado poder, após o batismo com o Espírito Santo, para dizermos a todos, de maneira mais ou menos atraente, a Quem pertencemos.

Os evangélicos de tradição calvinista não têm de nos ultrapassar a nós de tradição wesleyana em tornar Cristo o tema das nossas conversas onde quer que estivermos. □



\*Professor do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City



# ESTÁS

“Ocupado” parece ser a palavra mais indicada para descrever a maior parte das pessoas durante o Verão. E tu? Fazes talvez não só o teu trabalho normal, mas trabalho extra, fazes planos e preparas-te para as férias, hospedas talvez parentes que te vieram ver, etc. Às vezes parece que não há horas no dia que cheguem para fazer tudo que é necessário, particularmente no fim-de-semana. É realmente espantoso tudo o que uma pessoa consegue ao sábado e ao domingo!

Hoje o fim-de-semana é o tempo de dar passeios com a família, ir à praia ou ficar em casa sem fazer nada. Mas . . . e Deus e a igreja? Parece que ficam esquecidos no meio de tanta agitação. Algumas pessoas acham que Deus também parte para férias e, portanto, não precisamos de O incluir na nossa lista. Mas Deus não tem férias. E Ele deve ocupar o lugar central da nossa vida, todos os dias, mesmo durante o Verão.

Diariamente, arranja algum tempo para estares sozinho com Deus. Pede-Lhe que te ajude durante o dia em todas as tuas actividades. Ele interessa-Se por ti e pelo que fazes.

Honra a Deus com o teu tempo. Reserva-Lhe algum todos os dias e duas ou três horas aos domingos, e Ele te honrará a ti. Ficarás surpreendido com aquilo que podes fazer no tempo que te resta.

Eu descobri que quando o trabalho é tanto que não consigo fazer tudo, se parar, pensar em Deus e pedir que Ele seja comigo, posso continuar os meus deveres e realizá-los muito melhor. Tenta isso; verás que dá resultado.

Outra coisa que precisamos de fazer durante este Verão é manter santo o dia do Senhor. Temos a tentação de ir a qualquer lugar e fazer algumas coisas para as quais não tivemos tempo. Mas Deus santificou o sétimo dia depois de criar o Universo.

Santificar é tornar santo, tornar sagrado. O sétimo dia foi santificado, o que significa que ele é sagrado, santo. Mantenho-lo assim. Fazamos todo o nosso trabalho durante a semana e depois adoremos a Deus no domingo.

Estamos realmente ocupados no Verão, mas devemos arranjar tempo para servir a Deus no meio das nossas ocupações. □

## OCUPADO?

—Gary Bunch  
Lisboa, Portugal

—Mary E. Latham



Ela era uma crente nova. Havia pouco tempo que fora santificada.

—Tenho muitas perguntas a ferver dentro de mim—confessou-me. —Ouço falar muito de santidade e santificação. Mas na igreja olho para a maior parte das pessoas e parece que não sou como elas. Contudo sei que a minha vida foi transformada e que o Espírito Santo purificou o meu coração.

—Que bom—respondi em seguida. —Mas espero que não estejas a confundir pureza com maturidade. Sabes, algumas das pessoas a que te referes têm andado durante anos no caminho da santidade. Aprenderam e amadureceram durante muito tempo.

—Compreendo—disse a moça, parecendo aliviada; —mas a verdade é que não se ouve muito acerca deste aspecto. Realçamos mais a crise da santificação. E, então, parece que esperam que saibamos todas as respostas.

Falámos por longo tempo. Eu compreendia o que ela sentia. Era fácil compartilhar com ela algumas das minhas experiências do passado. Quando eu era nova no Caminho, um dia disse à minha mãe:—Fui santificada, mas às vezes pergunto a mim mesma se tenho o mesmo tipo de experiência que tu. Algumas das coisas difíceis que enfrentas com tanta serenidade e graça, aborrecem-me tanto!

—Bem, filha—foi a resposta. —Tenho muito mais experiência do que tu no caminho cristão. Através dos anos, o Espírito Santo vem-me ensinando muitas coisas. O teu coração é puro, mas não



# PERFEIÇÃO

és tão *madura* como eu. Quando tiveres exercitado a vida diária da santidade tanto como eu tenho, não te será difícil encarar as dificuldades com serenidade.

Uma vez, com um piscar de olhos, acrescentou:

—Vês, se deixares o Senhor ensinar-te nesta pequena prova, Ele terá a confiança de te dar uma maior da próxima vez.

Então, ela falou da bênção e alegria da vida cheia do Espírito. E usou passagens das Escrituras para reforçar os seus argumentos. Ou citava os pioneiros do movimento de santidade—esses gigantes da fé, robustos em estatura cristã.

O Dr. J. B. Chapman, antigo superintendente geral, situa-se entre tais líderes de antanho. Muitas vezes definia a *santificação* como a experiência ou obra da graça pela qual o crente entra no caminho da *santidade*—uma vida a ser vivida. Ele incluía o processo de aprendizagem e maturação como parte deste caminho. E tornava bem real a obra do Espírito Santo como Consolador, Professor e Guia.

Costuma-se ouvir muito acerca da perfeição cristã. João Wesley escreveu sobre o assunto. A palavra “perfeição” não me agrada. Contudo, Jesus usou-a. No Sermão da Montanha (Mateus 5), o Senhor resumiu muitos dos princípios da conduta cristã. E, para concluir, disse: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (v. 48).

No comentário *Beacon* diz-se que “a interpretação correcta é que devemos ser perfeitos na esfera *humana*, assim como Deus é perfeito na esfera *divina*”. E o au-

tor identifica isso como “o alvo e objectivo da vida cristã”. Mais adiante, esclarece que à luz do contexto a palavra *perfeito* deve ser interpretada como “perfeição em amor”. E acrescenta:

“Deus concede a todos que o desejam, um amor perfeito por Si mesmo e pela Sua vontade. Depois disso o crente procura uma manifestação ainda mais perfeita desse amor na sua vida e conduta. Porque somos finitos, esta manifestação perfeita nunca será completamente atingida neste mundo, mas cada cristão consagrado deve procurar sempre alcançá-la (cf. Filipenses 3:12-14).

Foi este conceito que eu procurei fazer a minha amiga compreender. Tenho deligenciado comunicá-lo através dos anos do meu ministério. Para o tornar mais claro, costume explicá-lo em termos de preparação das lições por um professor.

Especializei-me em educação e ensinara por alguns anos quando Deus me chamou para o ministério do evangelho. Aprendi, então, que muitas coisas que eu estudei tinham aplicação prática. Por exemplo, ao planear algo, devem-se sempre estabelecer alvos ou objectivos.

São necessários dois alvos: 1. *um alvo imediato* e 2. *um alvo remoto*. O primeiro corresponde ao que se pode conseguir imediatamente. O segundo representa o objectivo a longo prazo.

Para mim, a vida santificada é semelhante. Jesus disse: “Sede vós, pois, perfeitos”. O objectivo imediato é o amor perfeito, um coração purificado pelo Espírito Santo e cheio de amor divino. Es-

ta é a experiência-crise da inteira santificação.

Mas há também o alvo remoto, o objectivo a conseguir a longo prazo, ou seja, a manifestação daquele amor perfeito que temos recebido. Esta é a parte desencorajadora. *Nunca* alcançaremos tal alvo durante esta vida, porque somos humanos.

Mas, esperem—só porque não podemos *atingi-lo*, não significa que deixemos de tentar. Podemos melhorar na maneira como mostramos o amor de Deus deramado nos nossos corações. Aqui é que entra em acção o processo de aprendizagem, de amadurecimento. Perseveramos em direcção ao segundo objectivo. No poder do Espírito Santo, aprendemos a expressar mais perfeitamente o amor divino. Diariamente passamos por lições práticas na vida de santidade.

Algumas vezes essas lições deixam-nos com um sentimento de termos falhado. Mas lembrem-nos de que Deus olha para o coração—para os motivos. O que é mais importante é manter o nosso íntimo sintonizado com Deus—transbordando de amor divino. Então, fazer tudo para manifestar esse amor—planear e esforçar-se por melhorar.

Sejamos pacientes uns para com os outros e exercitemo-nos em olhar para além das acções do nosso próximo—para os seus motivos íntimos e para o esforço que ele está a fazer para exprimir o seu amor por Deus.

Alguém disse: “Tem paciência comigo. Deus ainda não completou a Sua obra em mim”. □



# SANTIDADE DE CORAÇÃO

Na oração há poucas emoções que se comparem ao agradecimento dum dádiva depois dum prolongado período de ansiedade. Quando os receios se mostram infundados e recebemos boas notícias, ficamos como quem sonha.

Foi esta a experiência de Paulo após preocupação inquietante pela igreja nascente de Tessalônica. Com relutância, mas com sabedoria—recordando as palavras do Senhor (Mateus 10:23)—, o apóstolo tinha abandonado a cidade, evitando o martírio desnecessário nas mãos de judeus fanáticos. Ao chegar a Atenas o seu coração ainda estava com os recém-convertidos que enfrentavam cuidados e tribulações. Timóteo foi enviado para indagar acerca da situação e confortar a igreja.

O regresso de Timóteo com notícias agradáveis acerca da fé e amor desses novos cristãos, bem como do desejo de terem Paulo na sua companhia, provocou uma gratidão impossível de se exprimir por palavras: "Porque, que acção de graças poderemos dar a Deus por vós, por todo o gozo com que nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus? . . ." (I Tessalonicenses 3:9-13). Assim como a preocupação impelira Paulo a orar com fervor, a alegria inspirou-lhe uma dupla petição:

1. *De poder regressar para lhes administrar uma experiência espiritual mais profunda.* Tendo-os evangelizado como pecadores, agora procuraria ensiná-los como santos. Eram cristãos ideais, apartados do mal, servindo a Deus e esperando a vinda de Cristo; contudo, tinham ainda uma necessidade profunda, muitas vezes encoberta pelo entusiasmo do primeiro amor. "Orando abundantemente, dia e noite, para que possamos ver o vosso rosto e supramos o que falta à vossa fé" (3:10). Paulo procurava direcção prática para satisfazer tal desejo: ". . . nosso Senhor Jesus Cristo encaminhe a nossa viagem para vós" (3:11).

2. *De amor fervoroso uns pelos outros:* "E o Senhor vos aumente e faça abundar em amor uns para com os outros . . . como também abundamos para convosco" (3:12). Paulo desejava que o seu amor fosse semelhante ao de uma ama dedicada (2:7) e dum pai sábio (2:11). Numa perfeita harmonia entre desejo e discernimento, tal oração reconhece que a santidade de coração aperfeiçoará a fé e inspirará o amor na medida necessária.

## A EXPERIÊNCIA EVANGÉLICA

. . . de um coração "irrepreensível" está longe dos extremos opostos da perfeição absoluta e da religião em que se continua a pecar. O primeiro foi combatido por Paulo em Filipenses 3, distinguindo entre a perfeição da graça e a da glória. O segundo foi refutado em Romanos 6, ao dizer com indigna-

ção que a nossa natureza adâmica não pode continuar a pecar depois de ter a graça abundante de Deus! Antes, pela cruz de Cristo, a fé deve estar firmada na experiência de morrer para o pecado—e, pela Ressurreição, receber virtude e vitória necessárias à novidade de vida em justa e santidade.

É possível ter um coração irrepreensível. Não irrepreensível em palavras, juízos, reacções ou relações humanas, mas nos motivos. "Esta fez o que podia" (Marcos 14:8) é a aprovação de Cristo dada ao motivo puro e ao coração cheio de amor.

## A EXPERIÊNCIA QUE ESTABILIZA

—a santidade de coração—não concede infalibilidade nem imunidade contra problemas espirituais e tentações. Mesmo aquele que tinha "mãos limpas e coração puro", quando açoitado por problemas da vida (Salmo 73), pouco faltou para que escorregasse e caísse da graça de Deus. Mas o "pouco faltou" não chegou a concretizar-se pois a misericórdia divina chegou primeiro. Na casa de Deus o Salmista encontrou auxílio espiritual e revelação, bem como graça, direcção e glória. Mas as coisas que vemos, ouvimos e sentimos levam-nos a orar diariamente:

*Jesus, chega-Te mais perto  
E defende a minha alma do pecado.*

Quando há santidade de coração, a tendência interior de se desviar da graça de Deus é destruída. O coração inconstante e fraco é substituído por outro firme e confiante no Senhor.

## A EXPERIÊNCIA ESSENCIAL

. . . para todos os crentes que esperam a Segunda Vinda é ". . . que sejais irrepreensíveis em santidade, diante do nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos" (I Tessalonicenses 3:13).

A santidade de coração honra a paternidade de Deus, apressa a coroação de Cristo, aperfeiçoa a fé no coração purificado, administra e sustenta, através de e na Igreja, um amor superabundante "por todos os homens".

O interesse profético na segunda vinda de Jesus é natural. A preparação prática da santidade de coração é exigência escriturística para a consumação final da esperança, a Sua vinda "com todos os santos".

Paulo orava noite e dia porque desejava dirigir os crentes à santidade de coração e vida. Estava disposto a empreender qualquer viagem, a pagar qualquer preço para que todos gozassem dessa experiência. Uma convicção da necessidade e uma devoção a esta verdade significará "por todos os meios, por qualquer preço". □ —Albert J. Lown



**BRASIL—UM DESAFIO PERMANENTE**

O Prof. Bairoch, da Universidade de Genebra, calcula que a "Grande São Paulo" será uma megacidade de 26 milhões de habitantes no ano 2000.

Dos 977 791 habitantes de Brasília, 42 por cento têm menos de 15 anos, segundo o Anuário Estatístico de 1977.

Que responsabilidade e oportunidade para uma igreja alerta e cônica das suas ordens!

**CABO VERDE—VISITA DO SUPERINTENDENTE GERAL V. H. LEWIS**



Igreja da Praia. Dois aspectos do culto de boas-vindas aos ilustres visitantes.



O Dr. V. H. Lewis (à esq.) falou à congregação da Achada de Sto. António, Ilha de Santiago. Teve como intérprete o Rev. Roy Henck.



O casal Lewis visitou a residência pastoral da Vila do Tarrafal, Santiago.



Ladeados pelo director Rev. Roy Henck (esq.) e pelo superintendente Rev. F. X. Ferreira, o Dr. e a Sra. de V. H. Lewis visitaram a povoação da Achada Fazenda, no interior da ilha de Santiago.



Jovens, no templo do Mindelo, saúdam o Dr. e a Sra. de V. H. Lewis.

(Reportagem de J. Maia Lopes, Ilha do Fogo)

**GUATEMALA—TRÊS DISTRITOS**

Sob a presidência do superintendente geral Dr. George Coulter reuniu-se a Assembleia do Distrito Nordeste da Guatemala de que é superintendente o Rev. Alfonso Barrientos. Registrou-se um aumento real de 743 membros. O acontecimento foi também histórico: o Dr. Coulter nomeou o Rev. Joel Buena-fé Herrera como líder duma nova área do trabalho, a terceira no país, que passou a chamar-se Distrito Sudoeste da Guatemala. O missionário Rev. Harold Ray é o director da nova missão. □





# SANTIDADE

a exigência de Deus.

Leia obras consagradas sobre este tema vital:

Encomende hoje à

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.